

A PALAVRA CORPO-GESTO COMO RESISTÊNCIA¹

THE BODY-GESTURE WORD AS RESISTANCE

Juliana Gomide Arruda²

RESUMO

Este artigo propõe uma reflexão sobre a palavra como mídia no meio digital a partir de uma abordagem fenomenológica de três produtos comunicacionais, consistentes nos perfis no Instagram de Lília Schwarcz e Débora Diniz e no website Sumaúma, de Eliane Brum e Jonathan Watts. Num mundo saturado de imagens, a corporeidade se perde em prol da iconização, compelindo tudo a se tornar visível. O excesso e a hipervisibilidade resultam no esgotamento do olhar e na crise de visibilidade (BAITELLO JUNIOR, 2014). Como resultado, não vemos ou enxergamos apenas o que as imagens querem nos mostrar. A profusão de imagens é também de palavras, afinal, toda palavra é uma imagem. Abordaremos a palavra como um meio primário de comunicação, uma prática do corpo biológico, social e cultural, que abrange diferentes linguagens cujas articulações se potencializam no digital com o entrelaçamento entre o verbal, o visual e o sonoro. Discutiremos a palavra a partir do conceito universalizante de imagem, em sua função mediadora e seu poder de impacto, para entendê-la como gesto capaz de articular uma liberdade (o que chamaremos de palavra corpo-gesto), com potencial para engajar, predispor ao diálogo e servir como resistência ao entorpecimento, abrindo os olhos para o invisível ou para o que é deliberadamente ocultado pelos arranjos de poder hegemônicos e mediáticos. A fundamentação teórica assenta-se em Aby Warburg, Harry Pross, Norval Baitello Júnior e Vilém Flusser.

Palavras-chave: palavra; corpo; gesto; digital.

- 1 Trabalho apresentado ao Eixo Mídia do I Congresso Ibero-americano de Comunicação e Mídia.
- 2 Graduada em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), artista visual e mestranda em Comunicação e Semiótica na PUC-SP, sob orientação do professor doutor Norval Baitello Júnior. Bolsista do CNPq; <https://orcid.org/0000-0002-3754-9289> ; juarrudaarte@gmail.com.

ABSTRACT

This article proposes a reflection on the word as media in the digital environment, based on a phenomenological approach to three communication products, consistent in the Instagram profiles of Lilia Schwarcz and Debora Diniz, and on the Sumaúma website. In a world saturated with images, materiality is lost in favor of iconization, forcing everything to become visible. Excess and hypervisibility result in the eye exhaustion and the crisis of visibility (BAITELLO JUNIOR, 2014). As a result, we don't see or only see what the images want to show us. The profusion of images is also words, after all every word is an image. We will approach the word as primary means of communication, a practice of the biological, social and cultural body, which encompasses different languages whose articulations are enhanced in the digital with the interweaving between the verbal, the visual and the sound. We will discuss the word from the universalizing concept of image, in its mediating function and its power of impact, to understand it as a gesture capable of articulating freedom (to what we will call the body-gesture word), with the potential to engage, predispose to dialogue and serve as resistance to numbness, opening the eyes for the invisible or for what is deliberately hidden by hegemonic and media power arrangements. The theoretical foundation is based on Aby Warburg, Harry Pross, Norval Baitello Junior, and Vilém Flusser.

Keywords: word; body; gesture; digital.

A cegueira do presente

Num mundo saturado de imagens, que se proliferam e circulam em velocidade vertiginosa, a corporeidade se perde em prol da iconização. A materialidade cede lugar à visibilidade e as imagens valem pela profusão de olhares que despertam, compelindo tudo a se tornar visível – afinal, “o invisível não existe, pois não possui valor expositivo algum, não chama atenção” (HAN, 2019, p. 34).

Os meios terciários de comunicação, particularmente as novas tecnologias e a mídia digital, ampliam o alcance de distribuição das imagens que, agora, preenchem todos os espaços e lugares. Elas dominam nossas vidas e, com o advento dos dispositivos móveis que carregamos acoplados dia e noite, tornam-se praticamente extensões do próprio corpo.

O excesso e a hipervisibilidade resultam no esgotamento do olhar e numa crise de visibilidade. As imagens não falam mais: tornam-se opacas e vazias de sentido. “A fadiga se instala no olhar que já não vê o que avista, já não enxerga o que vê, já não anima o que enxerga” (BAITELLO JUNIOR, 2014, p. 28).

Como resultado, não vemos ou enxergamos apenas o que as imagens querem nos mostrar. E o que as imagens querem que vejamos? Elas querem exibir apenas as narrativas construídas pelos arranjos de poder mediáticos e hegemônicos, privando-nos de outras visões, excluídas e periféricas, que são invisibilizadas e desaparecem da vista. A visibilidade transforma tudo em mercadoria que pode ser adquirida, promovendo o igual e nos afastando do outro (HAN, 2018, 2022).

As imagens que, como reproduções, apresentam uma realidade otimizada, aniquilam justamente o valor icônico original da imagem. Elas são feitas de refém pelo real. Por isso, somos hoje, apesar ou justamente por causa da

enxurrada de imagens, iconoclásticos. As imagens tornadas consumíveis destroem a semântica e a poética especiais da imagem, que é mais do que uma mera reprodução do real. As imagens são domesticadas ao serem tornadas consumíveis. Essa domesticação das imagens leva a sua loucura (Verrücktheit) ao desaparecimento. Assim, elas são retiradas de sua verdade (HAN, 2018, p. 54, grifos da edição em língua portuguesa).

A exorbitância de imagens é também de palavras. Com a superação da cultura escrita pela imagética, muito se cogitou acerca da redução ou do fim da capacidade de leitura – ou, como diria Vilém Flusser, da “decifração crítica”:

O que tememos, quando esperamos o fim da escrita alfabética e sua forma mais completa, é o declínio da leitura, isto é, da decifração crítica. Nós tememos que as mensagens, no futuro, inclusive os modelos de percepção e de experiência, sejam adotadas sem crítica, que a revolução da informática possa transformar o homem em receptores de mensagens que permutam sem crítica, ou seja, em robôs (FLUSSER, 2010, p. 119).

Contudo, o que Flusser sugere é que a cultura imagética altera a forma como experienciamos o mundo e o pensamento, uma vez que, “como a estrutura da mediação influi sobre a mensagem, há mutação em nossa vivência, nosso conhecimento e nossos valores” (FLUSSER, 2019, p. 9). Os novos códigos e as imagens técnicas exigem, portanto, reaprender a decodificar, assim como um método crítico e uma forma de pensar totalmente diversos, o que não implica a exclusão de outros modos de pensamento e da própria escrita.

O fato é que a palavra, inobstante o invólucro (oral ou escrito), prossegue sendo utilizada, tanto em formatos tradicionais, sobre suportes físicos, quanto em formatos virtuais, em suportes eletrônicos. Em tempos de hipermídia e de redes sociais, palavras combinam-se com imagens e podem ser usadas para divulgar conteúdo, convertendo-se em informação, como também para propagar o consumo, distorcer fatos ou gerar fake news. A mídia digital nos bombardeia com excessivos estímulos e informações e, nesse cenário, palavras circulam freneticamente, quase

sem intenção de permanecer e/ou comunicar.

A abundância resulta na reprodução esvaziada de signos e significados, gerando imagens e palavras cegas e que nos cegam. Como, então, tornar visível uma imagem diante de tantas outras e do declínio da capacidade de apelo? Como ver além do que as imagens mediáticas e hegemônicas querem nos mostrar? E, especialmente, como as palavras podem se fazer ouvir?

O corpo da palavra

Diante dessa conjuntura, a palavra deve ser compreendida em toda a sua complexidade segundo o conceito universalizante de imagem; afinal, toda palavra é uma imagem. A palavra é imagem tanto em sentido estrito, por sua forma gráfica, quanto em sentido amplo, compreendida como uma construção sensorial. Sobretudo, a palavra é imagem por seu potencial de impacto e sua força mediadora.

De fato, a palavra escrita é uma imagem gráfica, que advém da descomplicação de inscrições iconográficas, desenhos e pinturas (BAITELLO JUNIOR, 2014). Ainda conforme Flusser (2010), a palavra é a imagem rasgada em tiras, que introduz uma nova forma de sistematizar o pensamento, agora orientado por linhas em um código unidimensional linear. Não podemos esquecer que a palavra é também oralidade. O corpo é um acervo vivo, que se expressa por meio de diferentes formas e linguagens e, como ensina Aílton Krenak³, a oralidade é um oceano e a escrita, apenas um braço de mar⁴.

Contudo, a palavra é imagem por sua sensorialidade. A palavra é um gesto, um movimento intencional do corpo. Ela representa o som que advém do corpo e o

3 Pensador, ativista e defensor do movimento socioambiental e dos direitos indígenas, poeta e escritor da etnia indígena Krenak.

4 Em bate papo *on-line* com o escritor Evanílton Gonçalves e mediação da escritora e pesquisadora Verônica Stigger, promovido pelo Sesc Campinas em 24 de junho de 2021. Disponível em: <https://youtu.be/AGtJYaXNNp0>. Acesso em: 21 jun. 2022.

som é uma imagem acústica, dado que imagens são complexos perceptivos que envolvem diversos sentidos, e não se restringem exclusivamente à visão:

Imagens, em um sentido mais amplo, podem ser configurações de distinta natureza, em diferentes linguagens: acústicas, olfativas, gustativas, táteis, propioceptivas ou visuais. Portanto, nesse sentido, já a maioria delas é invisível e pode apenas ser percebida por seus vestígios ou pelos outros sentidos que não a visão (BAITELLO JUNIOR, 2014, p. 63).

Com efeito, ao lermos um livro, imaginamos cenas para as palavras da história, sentimos os personagens, ouvimos o narrador. Ao escutarmos um som ou uma música, associamos imagens e até nos emocionamos. Ao lermos uma receita afetiva, salivamos; um alimento singular nos comove. A poesia, escrita ou declamada, provoca sensações e visualidades com seus inúmeros recursos e figuras de linguagem.

Os complexos perceptivos emanam e se destinam ao corpo. O corpo é o primeiro lugar das imagens (BELTING, 2014), onde se captam e se interpretam as imagens. Uma imagem somente será imagem – e toda palavra é imagem – se a ela for atribuída uma significação simbólica por um corpo que não é exclusivamente biológico, mas também social e cultural; um corpo capaz de atribuir múltiplos sentidos a imagens e palavras segundo os diferentes ambientes e historicidades.

A palavra, portanto, é uma imagem especialmente por sua função de mídia. Aprendemos com Aby Warburg (2010) que imagens são fórmulas da emoção (Pathosformeln), pois possuem a capacidade “de nos apaixonar, para o bem e para o mal” (BAITELLO JUNIOR, 2019, p. 66). As palavras, como imagens que são, com toda a sua força mediadora, têm o potencial de impactar, com aptidão para constituir e transformar ambientes culturais – inclusive no meio digital, pautado pela virtualidade.

Os casos de Lília Schwarcz, Débora Diniz e Sumaúma

Este artigo propõe uma reflexão sobre a palavra no meio digital a partir de três fenômenos comunicacionais, consistentes nos perfis no Instagram de Lília Schwarcz e Débora Diniz e no website Sumaúma, de Eliane Brum e Jonathan Watts.

Lília Moritz Schwarcz⁵ é antropóloga, professora e historiadora e mantém um perfil aberto e público no Instagram (@liliaschwarcz)⁶ com 444 mil seguidores⁷ no qual trata de assuntos preponderantemente relacionados à história e à política, tais como imagens do poder, autoritarismo, branquitude e racismo. Ela ingressou no Instagram em novembro de 2016, mas passou a usar mais ativamente a plataforma em novembro de 2018, período em que fez uma publicação sobre o então ministro da Ciência e Tecnologia do governo do ex-presidente Jair Bolsonaro (2019-2022), o que gerou uma significativa repercussão na rede social⁸. Seu perfil destaca-se pela constância e periodicidade nas publicações, assim como pela ênfase e versatilidade no uso da palavra, que se vale de linguagens e recursos visuais, sonoros e verbais. A palavra escrita aparece em todas as publicações, e seus textos diferem do padrão usualmente encontrado no Instagram porque são extensos e densos, sem quaisquer abreviações de palavras ou emprego de emojis.

Débora Diniz é também antropóloga e professora, além de pesquisadora e documentarista. Da mesma forma que Lília Schwarcz, possui um perfil público e

5 Professora titular no Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo (USP) e professora visitante na Universidade de Princeton, nos Estados Unidos.

6 Disponível em <https://www.instagram.com/liliaschwarcz/>. Acesso em: 16 nov. 2022.

7 Na data de 16 de novembro 2022.

8 Em entrevista à revista *Quatro Cinco Um*, periódico brasileiro publicado em diferentes plataformas (formato impresso, *podcast*, *newsletter*, redes sociais e *website*), com reportagens, ensaios, entrevistas, artigos e resenhas sobre livros e outros textos. Disponível em: <https://www.quatrocincoum.com.br/br/entrevistas/historia/a-minha-geracao-falhou>. Acesso em: 16 nov. 2022.

aberto no Instagram (@debora_d_diniz)⁹ com 172 mil seguidores¹⁰ em que aborda temas relacionados à mulher (incluindo meninas), particularmente na perspectiva da saúde pública, tais como direitos reprodutivos, violência e aborto. Débora ingressou no Instagram em novembro de 2019, após ter deixado o país devido às ameaças sofridas contra a sua integridade física e a de seus familiares e alunos – em razão de sua defesa da descriminalização do aborto em audiência pública realizada perante o Supremo Tribunal Federal. Ela também se destaca pela ênfase no uso da palavra, notadamente na forma escrita.

Por fim, o portal Sumaúma¹¹, concebido em setembro de 2022 e idealizado pelos jornalistas Eliane Brum¹² e Jonathan Watts¹³, consiste num website de notícias e newsletters¹⁴ em português, inglês e espanhol, com perfil nas diversas redes sociais (Twitter, Instagram, Tik&Tok, Facebook, LinkedIn), além do podcast Sumaúma, que traz os bastidores e comentários das notícias publicadas no site. Sumaúma nasceu como uma plataforma de jornalismo independente cuja proposta é contar histórias da Amazônia e de outras partes do mundo a partir da floresta e de seus povos, assim como do clima e da Terra, como consta do manifesto do portal¹⁵. A linguagem da plataforma tem caráter jornalístico e combina a escrita com imagens diversas, tais como fotografias, ilustrações, artes e quadrinhos; destaca-se a diversidade da palavra, que emana de jornalistas, quilombolas, ribeirinhos e indígenas.

9 Disponível em: https://www.instagram.com/debora_d_diniz/. Acesso em: 16 nov. 2022.

10 Na data de 16 de novembro de 2022.

11 Disponível em: <https://sumauma.com>. Acesso em: 28 nov. 2022.

12 Escritora, documentarista, colunista do jornal *El País* e colaboradora de jornais e revistas da Europa e dos Estados Unidos. Vive e trabalha em Altamira, no Médio Xingu, um dos centros de destruição da floresta amazônica.

13 Britânico, editor global de meio ambiente do jornal *The Guardian*.

14 Boletim informativo destinado a assinantes, que traz informações relevantes selecionadas.

15 Disponível em: <https://sumauma.com/quem-somos/>. Acesso em: 21 nov. 2022.

A palavra corpo-gesto como resistência

Como visto, a palavra é a reprodução da voz e, acima de tudo, o próprio corpo. Quando falamos, o corpo como um todo age, reage e se movimenta, quer na escolha das palavras e seus significados, quer na entonação, musicalidade e emotividade da voz. A palavra é som e corpo mesmo quando escrita, porque “letras são símbolos que, por convenção, significam sons falados” (FLUSSER, 1985, p. 108). A palavra, portanto, é um meio primário de comunicação.

De acordo com a teoria da mídia de Harry Pross, abordada por Norval Baitello Junior (2010), os processos de mediação na comunicação podem ocorrer através dos meios primários, secundários e terciários.

A comunicação primária acontece presencialmente entre os participantes, com recursos dos próprios corpos e suas diversas possibilidades de linguagens, como a fala, os gestos, as expressões, dentre outras. A comunicação secundária exige um suporte para o transporte da mensagem até o receptor, que pode estar fisicamente distante do emissor. Por fim, a comunicação terciária, que surge com a eletricidade, se realiza por meio de aparatos para transmitir e receber as mensagens, dispensando o transporte do suporte e aumentando o alcance do sinal.

É importante lembrar que os meios de comunicação se acumulam, o que significa que a mídia secundária não anula a primária, da mesma forma que a terciária não anula a secundária. Logo, independentemente da mediação, “sempre há um corpo no início e no final de todo processo de comunicação”, conforme Baitello Junior (2010, p. 62) ao citar Pross.

Assim é que todas as mídias, inclusive as digitais, se referem ao corpo, uma vez que se realizam e se concretizam na interação entre corpos (MENEZES, 2004). Na frente (ou por trás) dos aparelhos, existem corpos que operam, pensam e projetam tais aparelhos. Existem corpos que falam, sentem e escutam os sons

trocados entre eles por meio de dispositivos eletrônicos que apenas ampliam suas sonoridades (MENEZES, 2004). É, ademais, o corpo que atribui uma significação simbólica para as mensagens através dos seus múltiplos sentidos – um corpo que não é apenas biológico, mas também social e cultural, razão pela qual deve ser compreendido em diálogo com o entorno.

Hodiernamente, a maioria das imagens e palavras é provida por meios terciários de comunicação, e a mediação nos processos comunicacionais dá-se essencialmente por computadores e tecnologias digitais. Muitos desses processos ocorrem em rede, em plataformas como Instagram, Facebook, Twitter, dentre outras, suscitando a participação de comunidades em larga escala. Em tal ambiência, nos deparamos com a hipermídia, uma tecnologia que permite conexões entre diferentes mídias, unidades e informações.

A hipermídia congrega linguagens de variadas categorias e tipos, num hibridismo entre o verbal, o visual e o sonoro, permitindo que textos se misturem com imagens, vídeos e sons e elaborem novos significados para a palavra e para a imagem. Nesse universo, imagens estáticas ou em movimento compartilham o espaço com palavras orais, escritas ou imagéticas, assim como com elementos gráficos, sonoros e pictogramas. As imagens e palavras em vídeos, gravados ou em tempo real (as denominadas lives), trazem ainda os gestos e as expressões corporais.

Essa mistura densa e complexa de linguagens, feita de hipersintaxes multimídia – povoada de símbolos matemáticos, notações, diagramas, figuras, também povoada de vozes, música, sons e ruídos – inaugura um novo modo de formar e configurar informações, uma espessura de significados que não se restringe à linguagem verbal, mas se constrói por parentescos e contágios de sentidos advindos das múltiplas possibilidades abertas pelo som, pela visualidade e pelo discurso verbal (SANTAELLA, 2014, p. 213).

Desse modo, no ambiente hipermidiático, diferentes linguagens convivem harmoniosamente com inúmeras possibilidades de associações entre si. O receptor que a princípio não é atingido por uma pode ser por outra ou pela combinação de duas ou mais linguagens, potencializando a divulgação da informação. A variedade de linguagens possibilita diversas experiências sensoriais e percepções, que podem alcançar diferenciadamente os destinatários. Vejamos o exemplo na figura 1:

Figura 1 – Capturas de tela (vídeo e texto)



Fonte: Capturas de telas do Instagram de Lília Schwarcz (2022).
Disponíveis em: https://www.instagram.com/reel/ChncRtOFIHx/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 22 nov. 2022.

As capturas de telas acima mostram o conteúdo de uma postagem de 23 de agosto de 2022 no perfil de Lília Schwarcz. Trata-se de um vídeo combinado com um texto. No vídeo, Lília se vale da linguagem oral (que inclui não apenas a fala, mas também a entonação e a musicalidade da voz) e de expressões e gestos, especialmente das mãos. O teor da fala não coincide com o texto da publicação. No vídeo, Lília é concisa e direta, ao passo que, no texto, se detém em outras particularidades. Além disso, sua fala no vídeo é acompanhada por uma legenda, que reproduz exatamente o que ela diz. Temos várias linguagens e recursos em uma única postagem: a imagem em movimento (vídeo), os gestos e as expressões corporais, a fala, a legenda escrita e o texto. O leitor visual atentará para a imagem e as expressões – ou ainda para a escrita, que pode ser lida tanto na legenda do vídeo quanto no texto da publicação. O leitor auditivo atentará para a fala e a sonoridade da voz. Existem várias possibilidades de leitura do conteúdo e, portanto, de alcançar o receptor.

A palavra é uma mídia, essencialmente um meio primário de comunicação, que, diante da cumulatividade das mídias, também pode ser usada nos meios secundário e terciário, através da escrita e dos aparelhos. Em qualquer dos casos, a palavra é sempre uma prática do corpo, um movimento que expressa uma intenção e, nesse sentido, um gesto do corpo. Quando a palavra é articulada como uma ação refletida, ela pode ser um gesto no sentido de articular uma liberdade, conforme Flusser (2014).

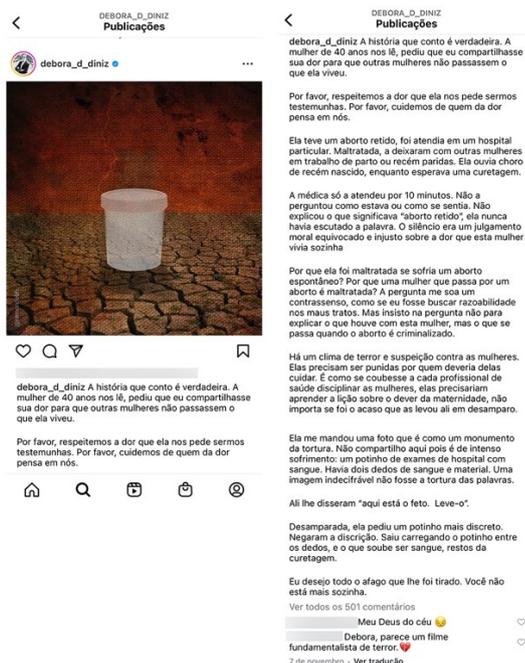
Segundo o autor, “gesto é o movimento no qual se articula uma liberdade, afim (sic) de se revelar ou de se velar para o outro” (FLUSSER, 2014, p. 16-17). Quem gesticula pode induzir outrem ao engano, razão pela qual o gesto pode tanto mostrar quanto ocultar. Flusser distingue os gestos por meio do critério fenomenológico entre aqueles que movimentam partes do corpo e aqueles que movimentam outros corpos, os quais ele chamou de instrumentos. O autor dá, como

exemplo do primeiro, o gesto da fala, e, do segundo, o gesto da escrita – ou seja, ambos são gestos da palavra.

Aqui, nos interessa particularmente o gesto como um ato de envolvimento com o outro, com a realidade e com o mundo, o que denominaremos palavra corpo-gesto. A designação corpo-gesto é, na realidade, um pleonasma, já que tanto a palavra quanto o gesto advêm do corpo e a palavra consiste no próprio gesto. Essa denominação foi escolhida deliberadamente para robustecer a palavra que é formulada de forma engajada, como entendemos os perfis no Instagram de Lília Schwarcz e Débora Diniz e o website Sumaúma.

Nesses produtos, a palavra aparece como protagonista, com a finalidade de ofertar conteúdos comprometidos com a divulgação de boa informação. Os assuntos engajam por meio da socialização do conhecimento, que sai dos campos acadêmico (no caso de Lília Schwarcz e Débora Diniz) e técnico (no caso de Sumaúma) e dialoga democraticamente com a sociedade. As palavras, com sua força mediadora, contextualizam as imagens ou carregam a historicidade em que estão inseridas ou foram elaboradas. Quando articuladas com imagens visuais ou com a gama de possibilidades de recursos que o ambiente hipermidiático possibilita, as palavras destacam e/ou direcionam o olhar para determinados aspectos, potencializando os conteúdos versados. Ademais, as palavras são usadas como gestos intencionais, esbarrando em temas que seguem na contramão da invisibilidade que a escalada de imagens mediáticas produz.

Figura 2 – Capturas de tela (imagem e texto)¹⁶



Fonte: Capturas de telas do Instagram de Débora Diniz (2022). Disponíveis em: https://www.instagram.com/p/CkqvmGeOWTd/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 23 nov. 2022.

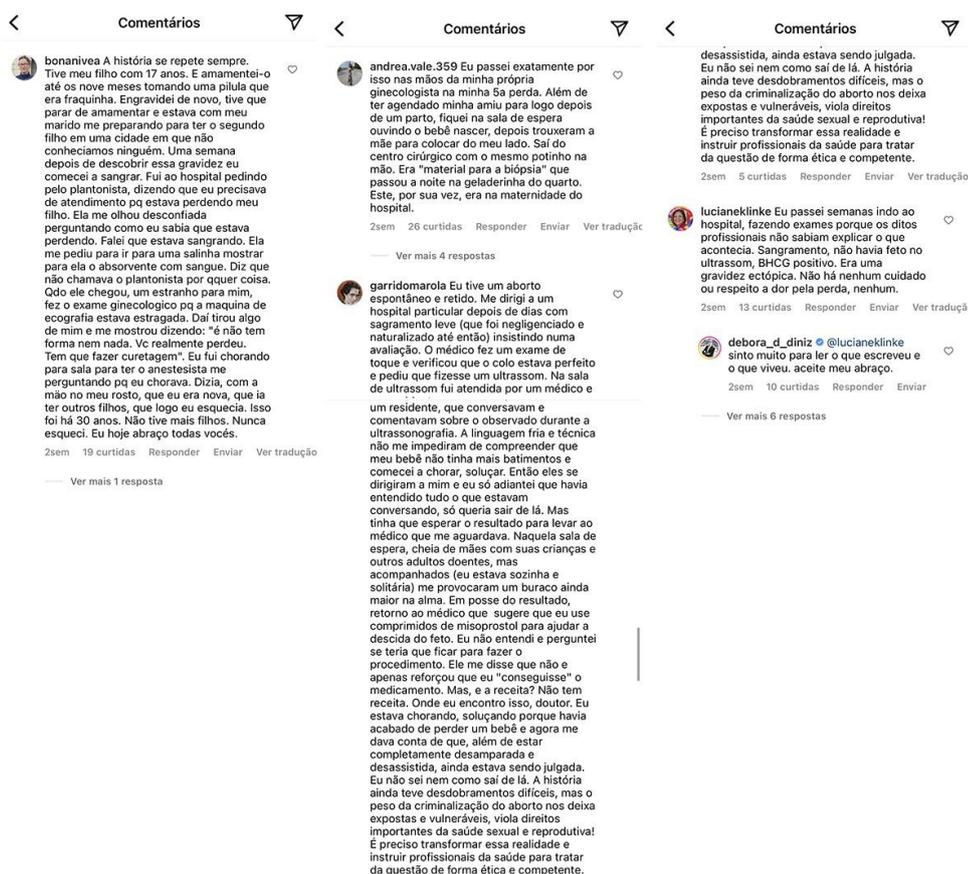
No caso acima, Débora Diniz usa da palavra para abordar um tema normalmente oculto na mídia – o aborto retido¹⁷ – a fim de lhe conferir visibilidade por meio da narrativa de uma desconhecida (também oculta). Débora é zelosa na escolha das palavras e inicia seu texto com um pedido: “Por favor, respeitemos a dor que ela nos pede sermos testemunhas. Por favor, cuidemos de quem da dor pensa

¹⁶ Os nomes dos perfis de usuários e seguidores foram encobertos em todas as imagens apresentadas neste artigo a fim de preservar suas individualidades.

¹⁷ O aborto retido é aquele classificado como uma perda gestacional assintomática porque o embrião morre dentro da mãe e não é expelido pelo corpo; é necessário um procedimento para expulsá-lo, como a curetagem.

em nós” (2022). O cuidado se estende à imagem que acompanha a publicação. Ao invés de utilizar a foto enviada pela mulher, Débora escolheu publicar uma ilustração por entender que é “de intenso sofrimento” compartilhar a imagem original. A postagem foi seguida de inúmeros comentários, especialmente relatos de mulheres que vivenciaram situações semelhantes, suscitando o compartilhamento de experiências e reflexões.

Figura 3 – Capturas de tela (comentários)



Fonte: Capturas de telas do Instagram de Débora Diniz (2022). Disponíveis em: https://www.instagram.com/p/CkqvmGeOWTd/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 23 nov. 2022.

Consideremos outra amostra, agora no perfil de Lília Schwarcz, que também aborda uma invisibilidade: a de uma mulher negra silenciada pela história oficial. Lília se utiliza da palavra oral num vídeo com legenda que reproduz sua fala, por meio do qual apresenta a história dessa mulher e mostra um retrato dela feito por uma artista igualmente negra. Os leitores reagem ressaltando a importância de dar voz e tornar visível o que foi ocultado pelas narrativas dominantes.

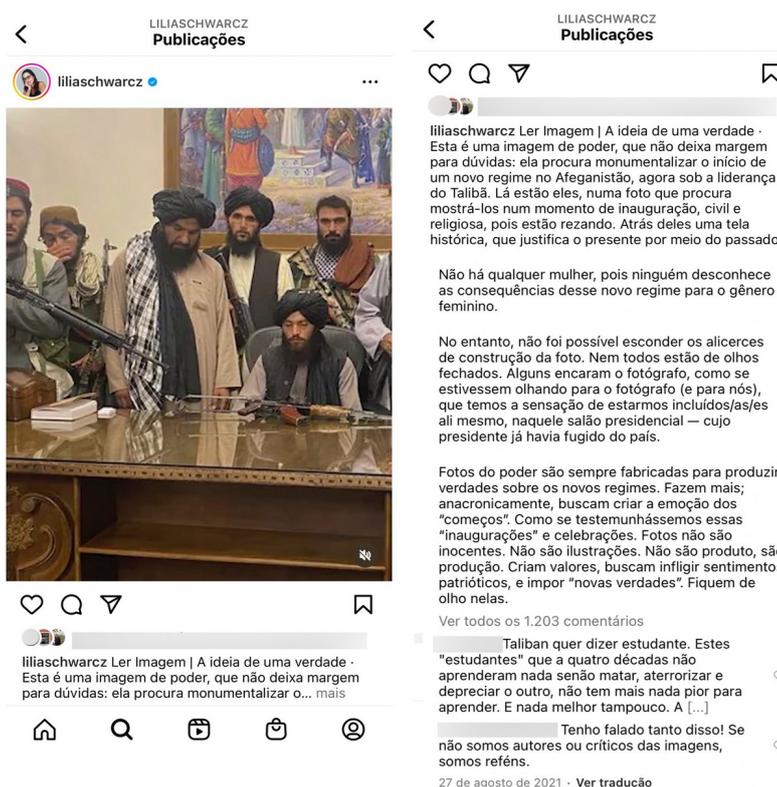
Figura 4 – Capturas de tela (vídeo, texto e comentários)



Fonte: Capturas de telas do Instagram de Lília Schwarcz (2022). Disponíveis em: https://www.instagram.com/reel/CaH1qpz14jS/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 28 nov. 2022.

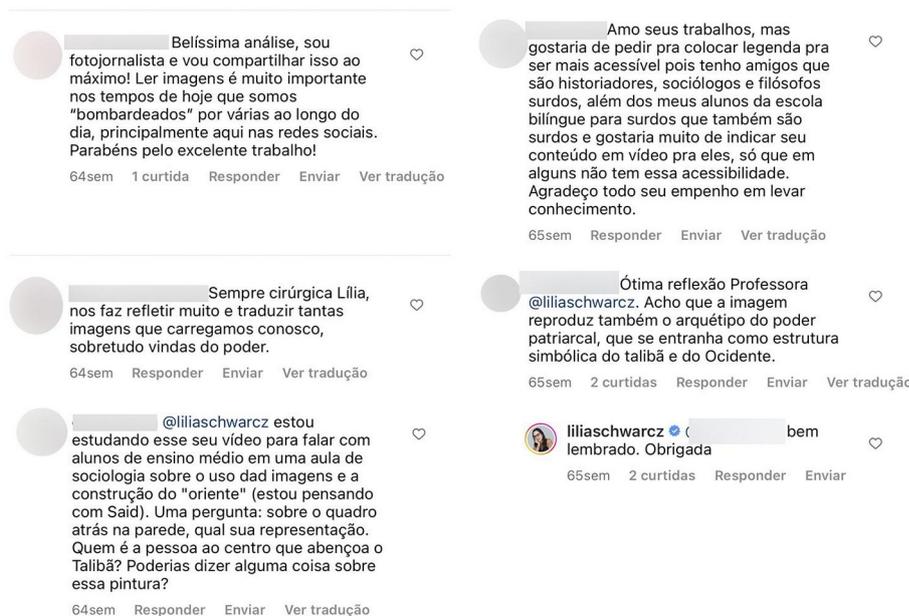
As duas situações abordam temas de fato invisíveis, que sequer aparecem na mídia. No entanto, existem assuntos divulgados e explorados em demasia, que se invisibilizam pelo excesso de visibilidade. Esse é o caso abaixo, em que Lília usa da palavra, desta feita em um vídeo sem legenda, para analisar uma imagem de poder divulgada pela grande mídia. Além do vídeo, a publicação conta com um texto. A fala e o texto não correspondem e, agora, a palavra oral traz um conteúdo maior que a escrita. Ela usa do movimento do vídeo como recurso para caminhar sobre a fotografia, destacando algumas de suas partes e detalhes conforme vai lendo a imagem. Nos comentários, os seguidores ressaltam a relevância de ler imagens. Um deles afirma que pretende “compartilhar isso ao máximo”; outro, que está estudando o vídeo para “falar com alunos de ensino médio”. O conteúdo liberta-se do perfil de Lília no primeiro caso e do ambiente hipermidiático no segundo caso, e ganha corpo no entorno vivo da coletividade “em uma aula de sociologia”. Há, igualmente, uma produtiva interação: em diálogo com Lília, seus seguidores sugerem distintas possibilidades de leitura para a imagem, com as quais Lília concorda – ou, ainda, a inclusão de legendas nos vídeos a fim de torná-los acessíveis a pessoas surdas, que, ao que parece, foi ouvida, uma vez que os vídeos posteriores surgem legendados.

Figura 5 – Capturas de tela (vídeo e texto)



Fonte: Capturas de telas do Instagram de Lília Schwarcz (2022).
Disponíveis em: https://www.instagram.com/tv/CTFC3latrxE/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 25 nov. 2022.

Figura 6 – Capturas de tela (comentários)



Fonte: Capturas de telas do Instagram de Lília Schwarcz (2022). Disponíveis em: https://www.instagram.com/tv/CTFC3latrxE/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 25 nov. 2022.

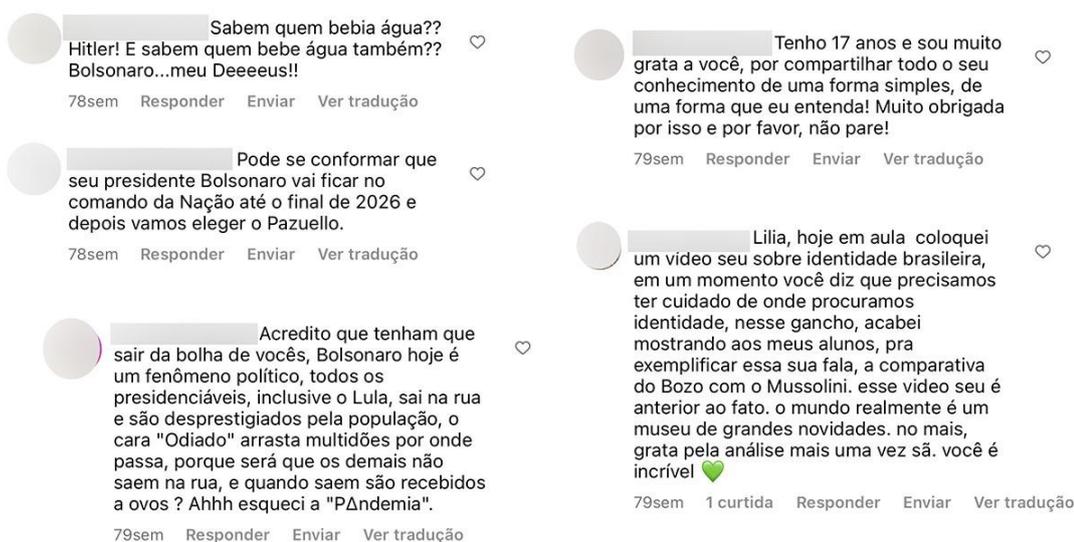
No episódio a seguir, Lília Schwarcz igualmente analisa uma imagem excessivamente visível. Ela começa o texto avisando que “a comparação entre o fascista italiano Benito Mussolini, e Jair Bolsonaro, ambos em suas motos e cercados de uma multidão, circulou muito nas redes desse final de semana” – mas acrescenta: “volto a ela com mais dados históricos”. Lília usa, pois, da palavra para abordar o contexto e a historicidade das imagens, ampliando seu conteúdo. As palavras de Lília impactam, atingem o outro lado da “bolha” e animam críticas de apoiadores do então presidente Jair Bolsonaro – como também atingem seus seguidores, incluindo jovens estudantes, e a própria sociedade, quando professores afirmam que usam seus conteúdos nas aulas.

Figura 7 – Capturas de tela (imagem e texto)



Fonte: Capturas de telas do Instagram de Lília Schwarcz (2022). Disponíveis em: https://www.instagram.com/p/CPRn9_8Hm1w/?utm_source=ig_web_copy_link Acesso em: 29 nov. 2022.

Figura 8 – Capturas de tela (comentários)



Fonte: Capturas de telas do Instagram de Lilia Schwarcz (2022). Disponíveis em: https://www.instagram.com/p/CPRn9_8Hm1w/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 29 nov. 2022.

Observemos outra forma de dar visibilidade a imagens opacas e exploradas em demasia – a da professora Débora Diniz. Ao cuidar de temas excessivamente visíveis, especialmente quando são controversos ou implicam sofrimento ou violência para as vítimas, Débora frequentemente opta por não reproduzir as imagens originais. Isso empodera a palavra, que, nessas situações, aparece duplamente, como imagem e como texto. Assim, por exemplo, ao abordar um vídeo de uma juíza que tentou convencer uma menina grávida após um estupro a não abortar, e que circulou exaustivamente na mídia, Débora preferiu referir-se ao assunto apenas com palavras, que foram utilizadas e reiteradas em mais de uma postagem, nas datas de 20 e 21 de junho de 2022, enfatizando as palavras ditas pela própria juíza. Nas duas publicações, Débora ainda sugere como interpretar ou ler as palavras da juíza, ao afirmar “tente repetir o absurdo desta pergunta” e,

depois, “leia com um tom de sarcasmo”.

Figura 9 – Capturas de tela (imagens e textos)



Fonte: Capturas de tela do Instagram de Débora Diniz (2022). Disponíveis em: https://www.instagram.com/p/CfBtExKOzWJ/?utm_source=ig_web_copy_link e https://www.instagram.com/p/CfENeSoOsbj/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 28 nov. 2022.

Finalmente, tratamos do portal Sumaúma, um website que reúne, em um só lugar, textos e imagens. As imagens são variadas e incluem desde fotografias até ilustrações e desenhos de artistas. Os textos trazem links que viabilizam o acesso a outras informações. O protagonismo é da palavra, mas não da palavra hegemônica – ao contrário: é da palavra que reposiciona valores e conceitos e dá voz a outras cosmologias, como as dos povos da floresta e dos não humanos, a exemplo dos casos abaixo. Percebe-se que, particularmente no texto à direita (na figura 10, abaixo), as palavras vêm acompanhadas por um impactante desenho de uma artista Yanomami, que atribui força à narrativa da palavra escrita sobre os prejuízos da mineração ilegal na terra indígena.

Figura 10 – Capturas de tela (imagens e textos)



Fonte: Capturas de telas do website Sumaúma. Disponíveis em: <https://sumauma.com/em-nome-dos-povos-nao-humanes/> e <https://sumauma.com/as-mulheres-gigantes-de-ehuana-yanomami/>. Acesso em: 29 nov. 2022.

O reposicionamento de valores não permanece apenas na retórica, já que o portal publica reportagens, entrevistas, olhares e imagens a partir de perspectivas normalmente invisíveis – e faz isso por meio da diversidade da palavra, que emana de jornalistas, quilombolas, ribeirinhos e indígenas, como na entrevista do líder político Davi Kopenawa¹⁸ ou na reportagem que ouviu mulheres Yanomami e os relatos de violações e estupro cometidos por mineradores ilegais (conforme figura 11, abaixo).

18 Xamã e liderança do povo indígena Yanomami, co-autor do livro *A queda do céu - palavras de um xamã Yanomami* (Companhia das Letras, 2015).

Figura 11 – Capturas de tela (imagens e textos)



Fonte: Capturas de telas do website Sumaúma. Disponíveis em: <https://sumauma.com/para-mim-o-termo-mudanca-climatica-significa-vinganca-da-terra/> e <https://sumauma.com/por-que-os-garimpeiros-comem-as-vaginas-das-mulheres-yanomami/>. Acesso em: 29 nov. 2022.

Sumaúma não apenas usa dessa diversidade da palavra como também traz a própria palavra de pessoas invisibilizadas para o centro, permitindo que elas contribuam e escrevam para a plataforma – como é o caso da carta escrita por Natalha Tehofilo, mulher preta, quilombola e camponesa da Amazônia, e do texto de Davi Kopenawa, traduzido por Ana Maria Machado, como se pode ver na figura 12, abaixo.

Figura 12 – Capturas de tela (imagens e textos)



Fonte: Capturas de telas do website Sumaúma. Disponíveis em: <https://sumauma.com/passei-a-eleicao-no-exilio-para-nao-ser-assassinada/> e <https://sumauma.com/quando-nos-yanomami-acabarmos-a-terra-ira-se-vingar/>. Acesso em: 29 nov. 2022.

Em todos os cenários, a ênfase é no uso da palavra, oral ou escrita, quer seja como legenda, em substituição às imagens, quer seja associado às imagens, como aliada na comunicação – a palavra que é corpo ganha corpo com distintas percepções e atribuições de sentido sensoriais e culturais, conforme o ambiente.

O descortinar do olhar

As amostras apresentadas dos perfis de Lilia Schwarcz e Débora Diniz, bem como do portal Sumaúma, não pretendem, de forma alguma, ser exaustivas. Muito pelo contrário, ao nos lançarmos nesses três produtos comunicacionais e em muitos outros do ambiente hipermidiático, encontraremos a palavra corpo-gesto articulada como um instrumento de resistência.

A palavra advém do corpo, compreendido aqui em toda a sua complexidade como um corpo biológico, social e cultural. Como uma construção sensorial e um gesto desse corpo, a palavra tem o potencial de impactar, provocando emoções positivas e negativas. A palavra é, portanto, uma mídia, essencialmente um meio primário de comunicação, que pode desencadear ações, influenciar e transformar ambientes – inclusive o digital, quando articulada em websites ou em plataformas de redes sociais como o Instagram.

Independentemente da mídia em que se dá o processo comunicativo, o corpo está sempre presente. Afinal, são corpos que interagem entre si, que atribuem significado às palavras e são afetados por elas. São os corpos que se apossam das palavras e expandem seu alcance por meio de compartilhamentos dentro e fora do ambiente digital. O receptor não é mais mero coadjuvante, mas protagonista, tomando para si palavras que ganham o mundo, especialmente através de dispositivos móveis que podem ser carregados para todos os lugares como extensões dos corpos físicos. As palavras, então, alcançam a sociedade, atingindo salas de aula, rodas de conversa em restaurantes, bares, reuniões de família e muitos outros ambientes.

Nesse contexto, a palavra pode ser empregada como um gesto refletido e engajado, assim como fazem Lília Schwarcz, Débora Diniz e o portal Sumaúma ao abordar temas que incitam e proporcionam o diálogo e possíveis reflexões. As palavras, com sua força mediadora, podem servir como instrumentos de reação ao entorpecimento resultante do excesso de imagens e da crise de visibilidade. Elas colocam em evidência a ausência, a obscuridade e os meandros das invisibilidades silenciadas pelos arranjos de poder hegemônicos e mediáticos. Uma vez combinadas com imagens e com a diversidade de linguagens e recursos que a hipermídia possibilita, elas podem alcançar os leitores de diferentes formas, especialmente diante da capilaridade da mídia terciária. A palavra articulada

<https://doi.org/10.23925/2318-5023.2022.n6.e60815>

conscientemente como gesto, a palavra corpo-gesto, tem potencial para descortinar o olhar e trazer boa informação, socializar e democratizar o acesso ao conhecimento.

Enfim, entendemos a palavra corpo-gesto como uma mídia de resistência, uma vez que, como diz a professora Débora Diniz, “a resistência política sempre é feita do corpo e para outros corpos”¹⁹.

¹⁹ Em publicação de 29 de novembro de 2022 no seu perfil do Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CljHAK1OHo2/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 30 nov. 2022.

REFERÊNCIAS

ARTE da palavra. Narrativas do atual, entre oralidades e escritas – com os escritores Aílton Krenak e Evanilton Gonçalves e mediação da escritora e pesquisadora Verônica Stigger. Campinas: SESC Campinas, 24 jun. 2021. 1 vídeo (103 min). Disponível em: <https://youtu.be/AGtJYaXNNp0>. Acesso em: 21 jun. 2022.

BAITELLO JUNIOR, Norval. **A era da iconofagia**: reflexões sobre a imagem, comunicação, mídia e cultura. São Paulo: Paulus, 2014.

BAITELLO JUNIOR, Norval. A imagem mediática. **Paulus**, v. 3, n. 5, p. 61-69, 2019.

BAITELLO JUNIOR, Norval. A mídia antes da máquina. **JB Online**, Caderno de Ideias, 16 out. 1999. Disponível em: http://cisc.org.br/portal/jdownloads/BAITELLO%20JUNIOR%20Norval/a_mdia_antes_da_mquina.pdf. Acesso em: 2 nov. 2022.

BAITELLO JUNIOR, Norval. **A serpente, a maçã e o holograma**: esboços para uma teoria da mídia. São Paulo: Paulus, 2010.

BAITELLO JUNIOR, Norval. Corpo e imagem: comunicação, ambientes, vínculos. In: RODRIGUES, David (org.). **Os valores e as atividades corporais**. São Paulo: Summus, 2008.

BAITELLO JUNIOR, Norval. **O pensamento sentado**. Sobre glúteos, cadeiras e imagens. 2. reimp. São Leopoldo: Unisinos, 2012.

BAITELLO JUNIOR, Norval. O tempo lento e o espaço nulo. Mídia primária, secundária e terciária. In: FAUSTO NETO, Antônio et al. (org.). **Interação e sentidos no ciberespaço e na sociedade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

BELTING, Hans. **Antropologia da imagem**. Trad. Artur Morão. Lisboa: KKYM + EAUM, 2014.

FLUSSER, Vilém. **A escrita**: há futuro para a escrita? Trad. Murilo Jardelino da Costa. São Paulo: Annablume, 2010.

FLUSSER, Vilém. **Elogio da superficialidade**: o universo das imagens técnicas.

São Paulo: É Realizações, 2019.

FLUSSER, Vilém. Escrever em universo de imagens. **Arquivo Vilém Flusser**, São Paulo, 1985. Disponível em: <http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser>. Acesso em: 10 jun. 2022.

FLUSSER, Vilém. **Gestos**. São Paulo: Annablume, 2014.

HAN, Byung-Chul. **A expulsão do outro**: sociedade, percepção e comunicação. Trad. Lucas Machado. Petrópolis: Vozes, 2022.

HAN, Byung-Chul. **Favor fechar os olhos**: em busca de um outro tempo. Trad. Lucas Machado. Petrópolis: Vozes, 2021.

HAN, Byung-Chul. **No enxame**: perspectivas do digital. Trad. Lucas Machado. Petrópolis: Vozes, 2018.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade da transparência**. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2019.

LEÃO, Lúcia. **O labirinto da hipermídia**: arquitetura e navegação no ciberespaço. 3. ed. São Paulo: Iluminuras, 2005.

MENEZES, José Eugênio de O. Processos de mediação: da mídia primária à mídia terciária. **Communicare**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 27- 40, 2004.

SANTAELLA, Lucia. Gêneros discursivos híbridos na era da hipermídia. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 206-216, 2014.

SANTAELLA, Lusia. **Navegar no ciberespaço**: o perfil cognitivo do leitor imersivo. 2004. 7. reimp. São Paulo: Paulus, 2020.

WARBURG, Aby. **Histórias de fantasma para gente grande**: escritos, esboços e conferências. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.